

APRESENTAÇÃO

ESTUDOS DO LÉXICO E ENSINO

Maria José Bocorny Finatto

Na seção Estudos do Léxico e Ensino estão trabalhos que, de um ou outro modo, tratam sobre questões relacionadas ao reconhecimento do componente lexical da língua, seja da linguagem cotidiana, seja das linguagens técnicas ou das científicas. De fato, o léxico, o vocabulário, as palavras que, enfim, compõem uma língua, estão em toda parte e, ao mesmo tempo, associam-se a diferentes níveis da linguagem. Vemos as palavras sob diferentes perspectivas, pela ótica da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e também pela macroperspectiva do texto. Por isso, não seria demasiado supor que o léxico possa ser um grande intermediador entre os diferentes níveis de estruturação da língua.

A Lexicologia, procurando descrever e compreender os mistérios do vocabulário em meio às diversas interfaces da língua, no plano da gramática e/ou do discurso/texto, associa-se aos estudos de Lexicografia prática e Lexicografia teórica. Mais recentemente, vê-se uma aproximação entre Lexicologia e Terminologia, sendo esta uma disciplina e área de pesquisa dedicada aos fenômenos da comunicação técnico-científica. A faceta aplicada da Terminologia teórica é geralmente percebida com a produção de glossários, bases dados sobre terminologias e elaboração de dicionários especializados em diferentes suportes e mídias, os quais visam ao atendimento de diferentes tipos de usuários.

A Lexicografia, prática ou teórica, mostra-nos como a dicionarização das línguas contribui para a descrição de seus vocabulários e de suas gramáticas, além de situar a cultura dicionarística como um dos elementos das culturas letradas. Produzir um bom dicionário da língua, bem sabemos, tem sido função das Academias de Letras e Ciências de vários países. Nessas instituições, o dicionário “oficial” de um país ou de uma comunidade cultural de é bem mais que um dictionarium, uma coleção de ditos, uma lista ou um “armário de palavras”. Afinal, tendemos a guardar de modo especial aquilo que nos é precioso. O dicionário, tal como gosto de pensar, parece mais com uma grande vitrine de palavras, prontas para o uso ou simplesmente prontas para o nosso encantamento. Infelizmente, no Brasil, estudos e formação específicos sobre o léxico têm ficado à margem dos currículos de Letras, ainda que o assunto esteja diluído em disciplinas de língua e gramática, morfologia, fonologia ou sintaxe. Em função disso, por falta de formação especializada, poucos professores brasileiros são capazes de “ler dicionários” com o carinho e compreensão que merecem, tampouco conseguem empreender uma crítica lexicográfica que reconheça critérios ou princípios subjacentes às obras que utilizam.

Poucos conseguem avaliar, com algum embasamento teórico específico, a pertinência de um dado dicionário para suas atividades de ensino. Do mesmo modo, carecem os profissionais de tradução e texto de maiores conhecimentos sobre condições e particularidades da lexicografia bilíngüe ou da prática dicionarística técnico-científica que hoje, cada vez mais, alia-se à compilação de bases textuais em formato digital, exploradas com apoio informatizado, muitas disponíveis na internet.

Afinal, qual é o melhor dicionário, por que os dicionários são tão diferentes e tão parecidos, uns são tão bons e outros nem tanto? Teríamos melhores condições de responder essas perguntas caso houvesse uma formação lexicológica, lexicológica e dicionarística em geral instituída no Brasil. Afinal, o léxico merece destaque em meio às reflexões sobre a linguagem.

Como bem explica Marcuschi (2005), o léxico ao lado da sintaxe e da fonologia, (...) é o terceiro grande pilar da língua. Sem léxico não há língua. Mas o léxico é o nível da realização lingüística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrollável. Podemos ver que tanto a sintaxe como a fonologia dispõem de um conjunto fechado de possibilidades básicas de realização numa língua, mas o léxico é aberto e todo dia presenciamos o surgimento de novos termos e o desaparecimento de antigos. Esta volatilidade não se dá por mero capricho dos falantes e das línguas e sim porque o léxico recebe usos sempre renovados (...) (MARCUSCHI, 2005, p. 6).

Ao ser dinâmico, instável e renovável, o léxico exigirá uma forma de tratamento igualmente dinâmica. O léxico é tão importante e complexo que é capaz de identificar o falante, o gênero textual a situação comunicativa. Por sua importância, natureza e magnitude, parece lógico que seu estudo seja feito em parcelas ou porções, de modo que, de várias frentes e ângulos, possamos colher dados para vislumbrar sua totalidade.

O dicionário monolíngüe, também conhecido como “dicionário padrão”, retrata a concepção de léxico em uma dada cultura. Explicitar e questionar os elementos caracterizadores dos dicionários monolíngües é o que se propõe o trabalho de Maria da Graça Krieger. Os dicionários não são todos iguais, bem salienta a autora, e já é mais do que hora de professores brasileiros, principalmente os do Ensino Fundamental, terem consciência sobre seu papel em meio ao ensino de língua, de leitura, escrita e ensino de vocabulário em geral.

Na via da percepção dos dicionários utilizados na escola por profissionais de ensino, temos o trabalho de Cristina Damim, o qual enfoca uma avaliação de dicionários do Programa Nacional do Livro didático do MEC. A autora reitera que, em geral, não sabemos ao certo o que é, tampouco o que deveria ser um bom dicionário escolar. Uma reflexão teoricamente fundamentada nos estudos da linguagem, do léxico e de lexicografia teórica pode auxiliar-nos nesse sentido. Um modelo teórico pode ajudar a compreender o objeto dicionário escolar, a reconhecer componentes desejáveis e a fixar critérios para sua avaliação.

O trabalho de Félix B. Miranda nos traz alguns parâmetros que devem definir a lista de verbetes que compõe um dicionário de língua. Esses parâmetros, teoricamente fundamentados, permitem dar coerência e justificar a presença de cada um dos verbetes que integram a obra. Essa contribuição discute uma questão crucial para elaboração de qualquer dicionário, a seleção lexical. Afinal, sempre nos perguntamos: que palavras devem estar dicionarizadas? Pode um dicionário destinado a crianças das primeiras séries não ter um verbe para uma palavra como livro, mas ter um verbe apólogo?

Explorando o estudo do vocabulário e o ensino, temos o trabalho da experiente e sempre inovadora professora Anna Maria Becker Maciel, o qual pretende despertar a curiosidade do educador para a imensa gama de possibilidades a explorar para orientarmos o aluno na descoberta das riquezas da língua. Seu texto mostra formas de aproveitamento da Lingüística de Corpus e do computador nos estudos de vocabulário em ambiente escolar aliados aos dicionários.

O trabalho de Luciane Leipnitz mostra como dicionários podem ser úteis para o tratamento de um tema tão importante como a composição de palavras, trazendo também algumas considerações sobre a composição de palavras em dicionários da língua alemã e em manuais de gramática.

Na mesma direção, segue o trabalho de Renata Beneduzzi ao focar a utilização de dicionários por professores de língua portuguesa. Seu texto nos indica parâmetros para avaliar a qualidade de definições postas em verbetes. A resenha de Virgínia Sita Farias, por sua vez, serve justamente como um bom exemplo de avaliação de um dicionário de língua espanhola.

Saindo um pouco do território da Lexicografia, o trabalho de Silvana Silva oferece algumas diretrizes para o ensino do léxico do português. Sua proposta parte do reconhecimento do papel do léxico no âmbito da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, uma teoria que privilegia as diversidades e irregularidades da língua em uso como identificadoras de um sujeito que se apropria da linguagem para dizer a si mesmo.

No mesmo plano de reflexão, o trabalho de Cleci Bevilacqua nos traz o tema da fraseologia. Conforme explica, a fraseologia é um fenômeno lingüístico de grande importância para profissionais e aprendizes de uma língua estrangeira, para tradutores e mediadores lingüísticos. Afinal, revela dados da competência lingüística, seja ela materna ou estrangeira. A fraseologia é, assim, um índice de um “modo de dizer” que é inerente à língua, ainda que tal modo não esteja diretamente codificado. Os dicionários, ao repertoriarem as palavras, fornecem dados sobre como “combiná-las” entre si.

Na linha dos estudos sobre linguagens técnico-científicas, o trabalho de Carolina Huang e Maria José B. Finatto visa reconhecer características do vocabulário de áreas como Química e Medicina, refletindo sobre a maior ou menor presença de adjetivos nas linguagens científicas. Esse tipo de conhecimento sobre perfis de linguagem interessa ao profissional de Letras que ocupa de tradução, revisão e de redação técnicas em suas diferentes modalidades.

Todos esses trabalhos aqui reunidos mostram um pouco das diferentes facetas dos estudos do vocabulário: Lexicologia, Terminologia e Lexicografia. Desejamos que a divulgação prestada por esta importante Revista entusiasme novas pesquisas e que, por ela, novos interessados possam juntar-se a nós que, de um modo muito apaixonado, dedicamo-nos aos Estudos do Léxico.